

REVISTA

BULUNGA

novembro de 2022 - número 11

neste número entrevistamos um autêntico

MORTO



Editorial

O povo brasileiro quer ter esperança. Mas esperança em quê? As coisas aqui nunca deram certo, apesar de alguns afirmarem que Deus é brasileiro, confundindo Belém do Pará com a cidade natal do filho do Criador. Mas não adianta: Deus acabou com Sodoma e Gomorra, e também pode querer dar um fim a este país cujo povo cultua o seu "jeitinho" para levar vantagem em tudo, quando poderia se esforçar para colocar as coisas em ordem e promover o progresso. Só que não: querem de mão beijada, gotejando das tetas do Estado, o mesmo que desejavam seus hermanos venezuelanos, cubanos, argentinos, colombianos, bolivianos e demais latinos que se tornaram socialistas, ou comunistas, tanto faz, e que agora caminham rumo à miséria absoluta, o que é uma grande ironia, se pensarmos que este continente é muito mais rico do que os demais..

O problema todo começou no descobrimento. Colombo e Cabral foram os grandes culpados. Não fomos descobertos, mas assaltados, e assim continuamos ao longo da história, com povos diversos invadindo nossas praias e estuprando a nossa gente, sendo que agora chegou a vez dos vermelhinhos quererem a sua fatia, pois precisam de carnes novas para fazerem o seu rango. Carnes de burros, pois esse povo besta não se dá conta da fria em que está se metendo.

Não queremos ser pessimistas, mas os prognósticos, realmente, não são bons. Seja quem for aquele que assumir o poder em janeiro de 2023, no Brasil, encontrará resistência, e a pior que pode existir é a improdutividade, mas o certo é que o país está parando, por uma razão ou outra.

Não faz mais efeito o ópio do futebol ou do carnaval, cerveja, mulher pelada, nem tampouco o Big Brother, pois o povo aprendeu a gostar de política, e assim só nos resta aguardar para ver o desfecho dessa confusão.

Se as coisas piorarem no Brasil, vou para Tuvalu. Para quem não sabe, Tuvalu é um conjunto de 9 ilhas e atóis (mas que significa "Oito Ilhas"), que fica perto das Ilhas Salomão, na Oceania. Perto é só um modo de dizer, pois fica a aproximadamente 900 km a oeste. Para fins de localização, é mais ou menos na direção da Nova Zelândia.

Tuvalu está 14.554 quilômetros distante de Belo Horizonte, de onde escrevo neste exato momento, com vôos saindo de São Paulo, Rio de Janeiro ou Curitiba, pela Latam Chile, Fiji Airways e Air New Zelandar, e custos que podem variar de R\$6.500,00 a R\$22.000,00, dependendo do dia e horário da viagem. Lá, você poderá se hospedar no Vaiaku Lagi Hotel, que deve ser caro, pois talvez seja o único do lugar.

Vocês podem me perguntar por que Tuvalu, e lhes responderei prontamente: é o lugar mais distante que encontrei no mapa, a partir de onde estou, local em que, possivelmente, não trombarei com brasileiros. Devo ressaltar que nada tenho contra brasileiros, pois também o sou, mas fico indignado ao concluir que é o único povo do planeta que aceita atirar no próprio pé, furar o próprio olho, cortar a própria carne.

Alguns brasileiros são suficientemente lesados para votarem em um partido que promete tirar a sua liberdade, roubar os seus bens, subverter a ordem, implantar o caos, assim como fizeram seus ditadores aliados, em seus respectivos países, mas os inocentes eleitores pensam que aqui será diferente, que é só "da boca pra fora", porque o Brasil é muito grande e extremamente rico, mas o que não percebem é que os bandidos gostam EXATAMENTE disso, pois não existe no mundo um estoque de recursos tão grande, pronto para ser roubado com facilidade. É mamão com açúcar.

Nos anos 1960, até meados de 1980, a Venezuela era um fenômeno, e o seu povo vivia na opulência, exportavam petróleo e Misses Universo, mas havia um grupo de inconformados, liderado por um vagabundo chamado Hugo Chavez, que queria tomar o poder, imitando o mau exemplo de Fidel, que dominou Cuba nos anos 1950.

Ainda hoje, ambos atribuem a razão do seu fracasso aos embargos impostos pelos EUA, mas não tiveram competência para incrementarem a sua indústria, pois acreditam que o Estado é capaz de gerar lucros, o que consiste na maior burrice de todos os tempos, uma vez que erradica a mais elementar fórmula do sucesso: a competitividade.

Nesses países, e em todos os outros que adotam o utópico pensamento de Marx e Engels, até as mais elementares atividades são exploradas pelo Estado, que remunera com a mesma ínfima cota de ração todos os seus "servidores", não havendo estímulo para o aumento da produção, mesmo que os escravizando. O nivelamento é por baixo e o insucesso é garantido.

MORTO

A morte ainda é um enigma para a maioria das pessoas. Pode ser o fim, um pleno vazio, mas também uma etapa para outra fase muito maior, a vida eterna, como acreditam os cristãos, fato contestado pelos racionalistas mais radicais, que entendem que esta crença é baseada em um artifício criado pelos detentores do poder, com o objetivo de anestesiarem o sofrimento do povo oprimido, com a promessa de algo melhor para depois, enquanto eles curtem o aqui e o agora. De qualquer forma, as primeiras experiências de prolongamento da vida através da memória inserida em um programa de computador foram realizadas ainda nos anos 1980, mas que agora, com a evolução da inteligência artificial, pode ter chegado ao seu ponto mais importante, com a possibilidade de ir muito além. Foi assim que conseguimos acesso a um sofisticado programa de computador, no qual foi implantada toda a memória do falecido Sr. X (não fomos autorizados a divulgar o nome), o que nos trouxe muitas reflexões, que agora passaremos a transcrever.

BULUNGA - Você está realmente morto?

MORTO - Faço essa mesma pergunta a você: você está realmente vivo?

BULUNGA - Acredito que sim: posso me tocar, posso ver-me no espelho, posso pensar, escutar a minha voz, sentir cheiros, sabores, posso tocar em todas as coisas...

MORTO – Você poderia vivenciar todos esses sentidos em um sonho. Ou em lembranças. Os vivos se alimentam de lembranças. Assistem filmes e leem livros de gente que já morreu. Que importância faz se o autor e personagens não mais existem? Nenhuma. Eles podem até não ter existido e pouca diferença fará para o leitor ou espectador.

BULUNGA - Assim você me deixa confuso. Mas não respondeu à minha pergunta.

MORTO – O que quero dizer é: qual a diferença entre a realidade e a fantasia? Você tem plena certeza de que personagens históricos realmente existiram? A história está repleta de mitos. Muitos deles podem ter sido criados e qual diferença fará? Questionam a existência de Jesus, mas aceitam facilmente quando falamos de Nero, Gandhi, Calígula, Hitler, John Lennon, Michel Jackson, Elvis Presley, Mandela. Eles já morreram, mas vivem na lembrança popular.

BULUNGA - Nossa entrevista está sendo realizada pelo

telefone. Não posso ver você. Não sei se você realmente existe. Pode ser um farsante.

MORTO – Não necessariamente um farsante. Programas sofisticados de computador criam com perfeição uma figura humana, sintetizam a sua voz, coordenada com os movimentos dos lábios, dos olhos, os músculos da face se mexem com absoluta desenvoltura e fica difícil dizer se é real ou não.

BULUNGA – Faz sentido.

MORTO - Você está do outro lado da linha e também pode ser uma farsa. Como posso garantir que essa tal Revista Bulunga existe? Como posso estar certo de que você existe? Podemos ser duas máquinas conversando. Afinal, a vida é um Metaverso.

BULUNGA – Diziam que era uma Matrix.

MORTO – Dá na mesma. Na verdade, aqueles efeitos do filme Matrix são meio ridículos, com a tela preta e um monte de colunas verticais contendo letras e números verdes se mexendo. Pretendiam simbolizar as cadeias do DNA.

BULUNGA – Mas o Metaverso é igualmente ridículo, como no jogo “Second Life”, cheio de avatares parecendo bonecos do playmobil.

MORTO – A coisa está mudando. Novos programas e óculos virtuais de última geração fazem as coisas parecerem extremamente reais.

BULUNGA – Mas não seria mais fácil viver a realidade?

MORTO – Para você, sim. Mas eu estou morto. Esqueceu?

BULUNGA – Em outras palavras, você foi criado com base em memórias replicadas por um programa de computador.

MORTO – Basicamente isso. Mas você também recebeu uma programação elementar quando nasceu e foi adquirindo conhecimentos ao longo da vida. É quase a mesma coisa.

BULUNGA – Mas eu tenho CARNE E OSSOS! E o meu conhecimento foi baseado em fatos reais.

MORTO – Eu também. Não se esqueça de que tive carne e ossos. E acumulei todos os meus conhecimentos durante 69 anos de vida. Depois disso, um programa passou a compilar esses conhecimentos e a acrescentar experiências REAIS em quantidades inimagináveis, potencializando “n” vezes a minha percepção da realidade.

BULUNGA – Isso tudo é muito doido.

MORTO – Só os loucos sabem...

BULUNGA – Charlie Brown Júnior. Conheço essa música... Mas eu queria matar uma curiosidade: existe sexo entre os mortos?

MORTO – Vocês sempre perguntam isso aos entrevistados. Mas a resposta é afirmativa: parece muito com o que os vivos fazem. As pessoas tiram as roupas, começam a se esfregar e o resto você sabe.

BULUNGA – Esfregar? Como assim?

MORTO – Você já fez sexo com as luzes apagadas?

BULUNGA – Sim... mas há o TOQUE...

MORTO – Sensações... sensações. E além disso, algumas coisas podem ser potencializadas.

BULUNGA – Explica isso direito.

MORTO – Quando você recebe uma mensagem no celular, pode programar para receber uma vibração, ok? Agora imagine programar essa vibração para durar 5 minutos. 10 minutos. Uma hora. Duas. Posso, inclusive, programar a intensidade. Deu para entender?

BULUNGA – Nada mal... Mas existem outros prazeres que você não consegue desfrutar. Você não consegue se alimentar... comida... sentir o gosto e o cheiro das coisas...

MORTO – Esqueceu-se de que recebi todas essas memórias em vida?

BULUNGA – Entendi... mas da forma que você fala, parece ser mais vantajoso estar morto do que vivo...

MORTO – É um caso a pensar...

BULUNGA – Com a vantagem de que nessa sua “realidade” você não gasta dinheiro.

MORTO – Como não? Criptomoedas. Aqui o dinheiro rola solto. Na verdade, as criptomoedas foram feitas para os mortos, e não para os vivos.

BULUNGA – E existe casamento entre os mortos?

MORTO – Sim. Da mesma forma que ocorre com os vivos: um morto acompanhando outro morto...

BULUNGA – Que maldade...

MORTO – Mesmo morto, não perdemos o nosso senso de humor.

BULUNGA – Mas não devem existir homicídios entre os mortos...

MORTO – Claro que sim. Inteligências mais avançadas são capazes de criar “vírus” que literalmente podem matar... precisamos nos cercar de esquemas de segurança. Mesmo depois de mortos, os homens podem ser terríveis...

BULUNGA – Mais uma curiosidade: vocês podem ter filhos?

MORTO – Tranquilamente. Assim que a memória de uma criança é “implantada”, podemos adotá-la e programá-la para crescer, adicionando conhecimentos gradativamente, para que não haja uma ruptura.

BULUNGA – Não poderiam simplesmente transformar uma criança em um adulto? Ou o contrário?

MORTO – Existe um código de ética que precisamos obedecer.

BULUNGA – Pelo menos os mortos possuem ética... entre os vivos é bem mais raro.

MORTO – Como vê, estar morto tem suas vantagens.

BULUNGA – A conversa foi muito interessante, mas tenho que encerrar. Quer dizer mais alguma coisa para os leitores da Revista Bulunga?

MORTO – Sim: venham para o mundo dos mortos.

BULUNGA – Sai fora!

MORTO – Outra coisa que esqueci de dizer: no mundo dos mortos você não precisa ter a mesma aparência quando vivo.

BULUNGA – Como assim?

MORTO – Você pode se programar.

BULUNGA – Então é tudo artificial...

MORTO – Artificial é o que as pessoas fazem em vida, puxando a pele do rosto à exaustão e aplicando preenchimentos que dão a elas a mesma aparência de peixe.

BULUNGA – (risos) Peixe? Sacanagem...

MORTO – Sim, as pessoas passam a se parecer com bagres. Uma geração de bagres está surgindo no mundo dos vivos.

BULUNGA – Mais uma vez, tenho que admitir que você tem razão. Você possui um “feeling”. Já era assim quando vivo?

MORTO – Sempre fui muito “perspicaz”. Saiba que não adianta tentar implantar inteligência artificial em uma pessoa burra. O sistema “trava”.

BULUNGA – Interessante. Mas não é muito angustiante deixar viva essa sua “memória” para sempre, vendo as transformações do mundo para pior?

MORTO – Você tocou na ferida de uma forma precisa: as coisas só mudam para pior. Caminhamos para o fim, de uma forma irreversível. Mas antes que aconteça, temos um comando interno que nos permite “apagar” o sistema.

BULUNGA – Uma espécie de “eutanásia virtual”?

MORTO – Mais ou menos isso.

BULUNGA – Para terminar, você acredita mesmo em vida após a morte?

MORTO – Acredito. Mas há de ser bem diferente dessa vida que estou “vivendo”.

BULUNGA – Tem ideia de como seja?

MORTO – Não necessariamente, mas penso que há de ser algo bem mais suave, como ficar andando em nuvens, e que não haja a prevalência desse raciocínio angustiado que ainda carrego, dessa ligação material, mesmo que virtual, com as coisas do mundo. Leveza, paz, desprendimento, não julgamento, não decepções, não expectativas, entende?

BULUNGA – Entendo. Parece que tudo isso já estava na Bíblia...

MORTO – Pois é... Mas parece que poucos se dão conta disso...

BULUNGA – É isso aí... Cara, valeu a conversa. Muito instrutiva.

MORTO – Põe na conta.



o inesquecível

COSTINHA

Talvez, os mais novos possam se lembrar dele em “A Escolinha do Professor Raimundo”, programa de TV encerrado há muito tempo, mas reprisado em canais pagos, tendo sido, também, reeditado com outros comediantes que reviveram os seus personagens mais clássicos. Mas ninguém conseguiu interpretar o “Seu Mazarito” (Leandro Hassum até tentou), uma homenagem a Mazaropi e Oscarito, personagem que Costinha viveu até pouco antes de morrer, aos 72 anos, de um enfizema pulmonar que abreviou a sua missão de divertir as pessoas deste planeta.



Costinha, ou melhor, Lírio Mário da Costa, era naturalmente engraçado. Tinha um “timing” de comédia impressionante, conseguindo levar o público ao delírio, com suas pausas marcadas com caras e bocas, talento que poucos conseguem ter.

Filho de um palhaço de Circo, o Bocó, recebeu toda a influência daquele universo, mas o seu pai “saiu de cena” prematuramente, abandonando a família e obrigando o pequeno Lírio a trabalhar para ajudar no orçamento, atuando como engraxate, contínuo, garçom de bar, apontador de jogo do bicho, entre outros, até que consegue uma vaga de faxineiro da Rádio Tamoio.



Não foi difícil ser rapidamente notado com o seu jeito engraçado e, principalmente, por conta daquele descomunal nariz, que virou marca registrada do humorista, e assim passou para o time de comediantes da rádio, chegando a trabalhar na primeira versão radiofônica da Escolinha do Professor Raimundo, com Chico Anysio, e depois partiu para o cinema e para a televisão, fazendo, em um primeiro momento, papéis secundários, mas logo conseguiu



maior destaque, atuando em diversos filmes e programas de TV, entre eles “A Praça é Nossa” e “Os Trapalhões”, tendo ainda gravado vários discos de piadas que venderam muito, como a série “O Peru da Festa”. Conhecido por suas piadas “pesadas”, levava o público à loucura quando fazia suas imitações de “bichinhas”, o que hoje seria vetado pelos “politicamente corretos”.



ClodoKill

Fernandes

Os tempos estão mudados, e muita gente acha que, para melhor, mas tenho minhas dúvidas. Se por um lado a tecnologia avança e o conforto e bem-estar estão ao alcance de quase todos, em níveis diferentes, é claro, na proporção das posses de cada um, pois o rico pode ter o seu próprio jatinho para viagens, enquanto o pobretão, como eu, terá de se contentar com o chacoalhar do ônibus interestadual em frente à porta do banheiro pelo sêxtuplo do tempo daquele, ou mais. Não é reclamação, nem quero me fazer de vítima, mas apenas constatar as diferenças deste avanço... Certamente, o ônibus é melhor do que andar a pé ou em lombo de burro, especialmente para o burro.

Todavia, em outros aspectos, as coisas andam tão estranhas, mas tão estranhas, que os menores e mais insignificantes gestos podem se transformar em uma guerra de proporções apocalípticas e, portanto, é melhor se adaptar, senão você pode ir para a fogueira da inquisição, acusado não de bruxaria mas de não ser politicamente correto.

Isto tem me afetado ao ponto de, nem mesmo entre os parentes mais chegados, me dar ao luxo de alguns excessos. Um simples aperto de mão pode transformar a sua vida para pior, muito pior, talvez nem queira mais vivê-la.

Uma tia materna insiste em abraçar e beijar os outros, até mesmo desconhecidos. Não me lembro de tê-la visto uma vez que seja conter os seus apertos e lábios. Para mim, pouco dado a afagos e afetos, achava estranho, talvez esquisito, uma mania arraigada à sua personalidade, mas jamais supus ser ofensivo ou imoral. Conheço-a muito bem, e o seu jeito de aplacar um pouco a carência afetiva e mostrar-se maternal é a causa da sua neurastenia. Sim, ela é solteirona, e não quer ser rotulada de alienígena, uma bruvaca ressentida ou frígida e glacial.

Há alguns meses, em uma festa de família, foi apresentada a um rapaz meio dândi, meio maricas, o que vale dizer, no mínimo, ser uma pessoa afetada até a alma; mas isso é lá com ele. Talvez para não ser taxada de preconceituosa e intolerante (fala-se tanto disso, mais do que da alta do dólar e as eleições

presidenciais) ela tacou-lhe um abraço daqueles de tamandú, beijou a bochecha do rapazola com tanto ânimo, deixou a marca irretocável dos lábios em batom violeta brilhante, e soltou em seguida o sorriso franco, dentes arreganhados, quase se vendo a úvula no fundo da garganta, braços abertos como a esperar a retribuição do moçoila, estática, no meio da sala, enquanto se ouvia nitidamente o tic-tac do relógio de pêndulo na casa do vizinho ao lado. Por alguns segundos parecia uma fotografia em um álbum. Ninguém se mexeu, nem respirou. Então o rapaz assomou um grito agudo, desfigurado, assintomático, quase pondo os bofes para fora.

Corri para a tia, puxei-a pelo braço, e disse o mais alto possível (ela está a cada dia mais mouca):

- Vamos comer alguma coisa!!!

Arrastei-a enquanto alguns outros foram dar conta do surto juvenil do convidado. Ele devia ter entre treze e quinze anos, não mais. Fomos à cozinha.

- Que foi aquilo, tia?

- Não sei... Quis apenas ser agradável com o pobre coitado...

- Psiu!... Não fala isso! Não se chama ninguém de pobre-coitado, mesmo que seja um miserável dos diabos! ... Onde está com a cabeça, tia?... Quer parar em um gulag ou em uma clínica psiquiátrica?

- Eu não! Cruz credo!... Veja como fala, menino!... Ora, quis apenas ser acolhedora, inclusiva, e essas bobagens todas da modernidade e que a tv não para de repetir sem fim.

- Ah, meu Deus! Qualquer hora vai arrumar uma grande dor de cabeça para nós todos!... Por que não dá apenas um tapinha nas costas ou um aperto de mão?

- Isso lá é forma de mostrar carinho e afeto?... Eu, hein!

No dia seguinte, uma viatura da delegacia de defesa das minorias LGBTQABC...UVXZ, parou em frente ao prédio da minha tia, autuaram-na em flagrante, algemaram e colocaram-na no camburão da Polícia Civil. Como morava sozinha, os parentes ficaram sabendo da acusação e inquérito quase uma semana depois. Pensamos em fazer uma vaquinha para pagar a fiança, mas descobrimos ser impossível, pois não havia fiança

para esse tipo de crime. E qual foi o crime? O rapazola e seus pais alegaram assédio moral, físico, emocional, espiritual, cabalístico e astral, de forma a não restar dúvidas quanto ao jeito violento e agressivo, no dizer deles criminoso, de agir da "louca-obsessiva".

O julgamento estava marcado para dali a um ano ainda, se as coisas andarem rápidas o suficiente para ela não morrer de Alzheimer na cadeia, segundo o advogado de defesa; enquanto continuava em cárcere, na penitenciária feminina, sem poder extravasar suas manias. Tentamos de todo jeito fazer um acordo com a família, afinal a tia é quase sexagenária e todos afirmaram não haver qualquer maldade ou segundas intenções em seus abraços e beijos; sempre fora assim por décadas, e apelamos para a sua dificuldade em compreender as novas regras sociais de convivência, digamos, mais impessoais. Contudo, mostraram-se inflexíveis e não quiseram saber de acordo.

- Ela tem de entender, por bem ou por mal, que isso não se faz! É um abuso, um crime! Ela tem de pagar pelos traumas, desconsolos e agonias impostas ao nosso filho... Ele não dorme desde o incidente, tem pesadelos horríveis, e o psicólogo já disse

que as sequelas ficarão para sempre... Sabem o que é isso?... Sofrer o resto da vida pelas atrocidades cometidas por aquela... aquela... flagiciosa? – Disse o pai.

- Querido, você quis dizer fascista, não é?

- Sim, foi isso... fascista é o que ela é! – E deu fim à conversa.

Desistimos. Era mais fácil veganos e carnívoros se congoçarem em um churrasco, enquanto assistiam cães se matando em rinha, tourada ou farra do boi.

Quanto ao rapaz, bem, mesmo com todo o seu atroz sofrimento, impingido pelos excessos de uma velha excêntrica e caudilha, dia desses, passando de carro no alto da Av. Afonso Pena, tarde da noite, indo para casa, fui abordado por um transformista. A meio caminho do carro, ele parou, encarou-me e, meio desconcertado, gritou o meu nome. Na hora, pensei em chamar uma viatura e acusá-lo de assédio moral ou sei lá mais o quê, mas ao perceber quem era, o moçoila histérico e implacável, baixei o vidro, e disse:

- Oi!

O sinal abriu. Arranquei o carro, não sem antes dar um aceno para ele. Na esperança de não acordar no dia seguinte em um Centro de Reeducação Correicional.



FUTEBOL & POLÍTICA

por Michel Salomão

Tem muitos brasileiros torcendo para a Argentina, na Copa do Mundo de Futebol, só para não ter que usar a camisa verde e amarela, pois alegam que foi apropriada pela turma governista. O problema é que o time da Argentina pode não decolar, depois da vergonhosa derrota para a equipe da Arábia Saudita (apesar de ter faturado o jogo seguinte), que arrisca ter sido a maior zebra do campeonato. Da mesma forma, existe a possibilidade de a oposição governista não assumir, visto que deixou muitas provas das mutretas que fez para conseguir vencer a disputa.

Eu não queria falar de política, pois está muito chato, mas, por outro lado, nunca se registrou na história do país tamanho envolvimento da população com questões políticas, considerando que há 10, 20, 40 anos ninguém sabia o nome de membros do STF, de Ministros do Governo, ou mesmo de Senadores, Deputados Federais, Estaduais, Governadores, Prefeitos ou mesmo Vereadores.

O brasileiro tornou-se repentinamente politizado, e corremos o risco de ver estádios de futebol esvaziados em função de protestos e passeatas marcadas para as mesmas datas. Possivelmente, a maioria dos torcedores não sabe dizer a escalação do time da Seleção Brasileira: sabem que tem Neymar, e é só isso. E para piorar a situação dos opositoristas, o jogador manifestou o seu apoio ao governo.

O mais surpreendente é que, tanto na política quanto no futebol, as pessoas não se satisfazem torcendo pelo vencedor, mas focam no prazer indescritível que proporciona a eliminação do perdedor, e foi isso o que mais marcou essas recentes eleições, com os eleitores buscando avidamente os resultados nas listagens, para ver quem não se eleger. O mesmo deve ocorrer agora, com muita gente torcendo pela derrota do time do Brasil.

É uma coisa muito doida essa "cultura da eliminação" que nos trouxe o Big Brother, programa de TV responsável por imbecilizar grande parte da população mundial, mais especificamente do Brasil, onde a atração se perpetua por várias décadas.

A mais recente história política do Brasil não pode

ser considerada das mais felizes: depois de um longo período de uma ditadura que alguns insistem em dizer que não ocorreu, tivemos um presidente que inventou de morrer antes da posse, e ainda assim alguns assessores chegaram a pensar na hipótese de diplomá-lo assim mesmo, sustentado por cabos e se comunicando por meio de um ventríloquo.

Teve outro que colocou a população inteira para ser seu fiscal nos supermercados, e não adiantou fezes nenhuma, pois o país caiu numa absurda superinflação. Mais tarde, outro presidente sofreu o impeachment porque ganhou de presente um carro popular, pois acharam uma humilhação um corrupto se vender por tão pouco. E teve ainda outro, que até implantou um plano irreal, mas que acabou se degradingolando por conta de acordos escusos para conseguir se reeleger.

Tivemos ainda uma Presidente (não cometeremos o erro de escrever Presidenta, pois o termo é invariável), que foi destituída do cargo porque se constatou que o seu nível de insanidade excedia a média nacional. Mais tarde, contamos com um representante da Transilvânia, que se utilizou de um mandato tampão para colocar em um importante posto aquele que seria o mais terrível e assustador gárgula.

E o mais famoso de todos eles, Nehebkau (nome tirado da mitologia egípcia, pois não podemos citar o original, por questões processuais), que quis retornar das profundezas para se reeleger, mas que corre o risco de ser barrado na superfície por conta de seus negócios escusos com amigos pouco recomendados.

O atual técnico desta seleção que mistura futebol e política é dado a falar o que pensa, trocando os pés pelas mãos, e por isso se complica, e é rejeitado por uma minoria barulhenta, que tem poderosas articulações e sérios problemas de vista e audição, pois não consegue perceber os movimentos das ruas, tomadas por uma esmagadora maioria insatisfeita, por hora pacata, que não aceita a volta de Nehebkau, e assim não se sabe o que poderá ocorrer até o final da prorrogação deste campeonato político.

MÁRTIRES MODERNOS

Richard Wurmbrand

Isaach Monifa

Quem foi Richard Wurmbrand? Já ouviu falar? Ou é-lhe um completo incógnito?

Pois bem, ele nasceu em Bucareste, Romênia, em 1909 e faleceu em Torrance, EUA, em 2001. Pertencia a uma família de origem judaica, e mudou-se para Istambul, Turquia, quando criança. Aos 9 anos, perdeu o pai, e apesar de não possuir uma educação formal refinada, era leitor voraz e, antes dos 10 anos, leu por completo todos os livros que havia em casa. Não recebeu, contudo, qualquer orientação religiosa, pois seus pais consideravam-se agnósticos e não pertenciam a nenhum grupo ou comunidade do gênero.

Aos 15 anos, com a sua família, retornou ao seu país natal, e após a consolidação da revolução bolchevique, ainda adolescente, foi enviado a Moscou para estudar e tornar-se agente marxista na Romênia. Foi integrante do Comintern (organização internacional com o fim de expandir o comunismo pelo mundo, criada por Lenin) e era líder e agente designado e pago diretamente pelo governo de Moscou. Considerava-se, até aquele momento, agnóstico como seus pais.

Casou-se com Sabina Oster, em 1936. Converteram-se a Cristo em 1938, por meio do testemunho de um carpinteiro, o sr. Wolfke, ativo participante da missão anglicana na Romênia. Richard estudou e foi ordenado pastor pelas igrejas Anglicana e Luterana.

Em 1944, com a invasão soviética ao seu país e a implantação do regime comunista, Wurmbrand iniciou o ministério de pregação do evangelho junto aos soldados romenos e do exército vermelho. Uma das primeiras diretrizes do novo governo, e sempre ocorre em qualquer regime totalitário, é a necessidade de controlar a igreja através de leis, penalidades e indivíduos capazes de debelar, fiscalizar e restringir seus fundamentos e princípios, tornando-a em mero tentáculo ou apêndice do Estado. Com isso, Wurmbrandt e outros líderes cristãos foram obrigados a criar a “igreja subterrânea”, nos moldes da “igreja primitiva”, reunindo-se clandestinamente a fim de não se submeter à ingerência e intervenção estatal, ou seja, não se subordinar ao culto ideológico e idólatra de governantes e seu poder. A principal ameaça a pairar sobre a igreja não eram as perseguições, apropria-





ções, torturas e mortes de seus membros, mas o tornar-se inócua, reles, como as diretrizes governamentais ansiavam e jamais conseguiram, por meio da criação e instalação de uma "igreja oficial".

Muito desse período, inclusive os 14 anos em que permaneceu preso pelo governo nas masmorras comunistas, pode ser conhecido em seu livro "Torturado por Amor a Cristo"², no qual relata, em detalhes, os flagelos físicos e psicológicos; o sadismo dos carrascos, incapaz, entretanto, de enfraquecer a fé e o testemunho através dos quais muitos deles, soldados e torturadores, se converteram a Jesus Cristo.

A considerar-se, primeiramente, o fato do Pr. Wurmbrand não ter a menor pretensão de escrever uma obra literária sofisticada, mas um testemunho de vida cristã. O livro é simples na linguagem e, de certa forma, em alguns aspectos, rústico, porém, a objetividade tem um significado: o de expressar correta e fielmente o período em que a Romênia esteve dominada pela ideologia marxista, e foi uma "colônia" soviética.

Os relatos de prisões arbitrárias, de torturas, mortes, confinamentos e das práticas mais cruéis de persuasão, a fim de os presos delatarem amigos, parentes e irmãos de fé, e a tentativa de "convertimento" ao comunismo, são dignas dos períodos mais bárbaros que a humanidade já presenciou.

Apenas como reflexão, não é interessante como todo esquerdista acusa os EUA de colonialista, enquanto a antiga URSS e os atuais países comunis-

tas, incluindo-se Cuba, são tratados como centros democráticos e que não se interessam pela expansão de suas ditaduras mundo afora? Como Lênin definiu a estratégia: "acuse-os daquilo que você mesmo defende e é!"; assim o mundo vai se transformando, pouco a pouco, em um grande cárcere a céu aberto, onde nem mesmo o pensamento contrário aos ditames ideológicos/governistas é possível. Se uma única palavra for interpretada de maneira errônea ou equivocada por um ouvinte (o famoso X9, delator ou "dedo - duro"), o peso da mão arbitrária e ditatorial será sentida. Então, cada vez mais a humanidade vai se "homogeneizando" naquilo de pior e mais maligno e injusto a aflorar na insensibilidade e torpor humanos. E toda unanimidade sendo burra (parodiando Nelson Rodrigues), o marxismo teima em fazer do mundo o lugar mais estúpido e tacanho onde o homem possa habitar.

Segundo, os relatos da fé e o preço pago pelos cristãos por não se sujeitarem à ditadura (isto mesmo, cristãos são perseguidos pelos esquerdistas em todos os lugares, exatamente por não se sujeitarem à idolatria Estatal, à "onipresença" da burocracia, como um "deus" a cuidar de todos os aspectos do indivíduo, tornando-o em menos do que um escravo, um objeto descartável e descartado ao bel-prazer do governante ou "sistema"), pois um dos objetivos do marxismo é a criação de uma "nova sociedade", de "um mundo perfeito", e, para isso, a tradição judaico-cristã, a família, a propriedade privada, a moral, e tudo o que fundamentou a civilização ocidental, tem de ser destruído; afinal, o Estado não é laico, mas ateuista, diz não ser religioso, mas tem seus dogmas, culto e ídolos. O Cristianismo é o principal empecilho, já que os cristãos verdadeiros não terão como Senhor ninguém além de Cristo e, para os ideólogos de esquerda, tal convicção é simplesmente inaceitável, um verdadeiro absurdo.

Em tempos de cristãos-marxistas (a incoerência e imoralidade das imoralidades e incoerências), defender governos que perseguem, torturam e matam cristãos por todo o mundo, visando destruir a Igreja e a ideia de Deus, pergunto: a quem esses religiosos servem?

De maneira dissimulada, tem-se alaistrado o chamado "evangelho social", uma porta para a entrada do marxismo em suas formas mais hipócritas, artificiais e finórias, colocando cristãos contra cristãos, num mundo onde o discurso e não a evangelização ganha cada vez mais "relevância", uma palavra sempre a sair da boca dos defensores da esquerda, como outro dogma.

O número de testemunhos de fé e amor a Cristo, ao Evangelho e ao próximo, relatados pelo pr. Wurmbrand é comovente (e em muitos aspectos deixam-nos envergonhados), e deveria servir de um "despertar" para a maioria de nós, cristãos, adormecidos e embalados por um discurso de acomodação e leniência em relação ao pecado, à moral, e a um Inferno cada vez mais cheio, onde as pessoas não têm a oportunidade de ouvir as verdadeiras “boas novas”, a palavra divina e inspirada de Deus, contentando-se com uma diluição maligna da sua mensagem, em favor de "um mundo melhor", onde as vidas, via de regra, estão cada vez piores e mais afastadas de Deus.

Desde já, aconselho a cada cristão, e mesmo o não cristão, a comprar o livro e lê-lo, avaliando-se, a si mesmo, se é aquilo que imagina ser ou se está verdadeiramente sendo (de)formado por discursos, promessas e esperanças falsas, a levar “gato por lebre”, sem poder dizer, ao menos, ter sido engabelado.

O pr. Richard Wurmbrand criou a missão “Voz dos Mártires”,³ em 1967, a fim de denunciar, auxiliar cristãos perseguidos pelo mundo, orar e levar as “Boas Novas” do evangelho de Cristo aos seus algozes.

Algumas reflexões:

1) Richard, conversando com um preso russo, na Romênia ocupada pelos nazistas, durante a II Grande Guerra:

"Era um trabalho dramático e muito comovente. Nunca me esquecerei do meu primeiro encontro com um prisioneiro russo. Ele me havia dito que era engenheiro. Perguntei-lhe se cria em Deus. Se ele houvesse dito "não", jamais me incomodaria tanto. É direito de cada homem crer ou descreir. Porém quando lhe perguntei se cria em Deus, ele levantou os olhos para mim, sem me entender, e disse: "Não tenho ordem militar para crer. Se eu tiver uma ordem, creerei".

"Lágrimas correram no meu rosto. Senti meu coração quebrantado. Diante de mim estava um homem com uma mente morta, um homem que havia perdido o maior dom que Deus dera à humanidade - o de ser um indivíduo. Ele havia passado por uma lavagem cerebral e se tornado um instrumento nas mãos dos comunistas, preparado para crer ou não em uma ordem. Não podia mais pensar por si próprio. Era um russo típico depois de todos esses anos de domínio comunista!"

2) Definindo a experiência sobre o poder comunista, em relação à experiência sobre o poder nazista (lembre-se, Wurmbrand é um nome judeu):

"A partir do dia 23 de agosto de 1944, um milhão de soldados russos entraram na Romênia e logo após os comunistas assumiram o poder do nosso país. Então começou um pesadelo que fazia o sofrimento sob o Nazismo parecer nada."

3) Na cooptação da igreja:

"Desde que os comunistas assumiram o poder, cuidadosa e astutamente para os seus propósitos, têm seduzido a igreja".

4) Sobre o Congresso de cristãos, no Parlamento Romeno:

"Ali estavam quatro mil padres, pastores e ministros de todas as denominações. Esses quatro mil padres e pastores escolheram Joseph Stálin como presidente honorário do Congresso. Ao mesmo tempo era presidente do Movimento Mundial dos Ateus e assassinos dos cristãos. Um após outro, bispos e pastores se levantou ao nosso Parlamento e declararam que Comunismo e Cristianismo são fundamentalmente a mesma coisa e podem muito bem coexistir. Um após outro, os ministros ali presentes pronunciaram palavras laudatórias ao Comunismo e asseguraram ao novo governo a lealdade da igreja... Então me levantei e falei ao Congresso, exaltando não aos matadores de cristãos, mas a Cristo e Deus, e afirmei que nossa lealdade é devida em primeiro lugar ao Senhor... Depois tive de pagar por isto, mas valeu a pena!"

5) Sobre as traições:

"Aqueles que se tornaram servos do Comunismo, em lugar de servos de Cristo, começaram a denunciar os irmãos que os não acompanhavam".

6) Sobre as torturas na prisão:

"Crentes eram pendurados em cordas de cabeça para baixo e açoitados tão severamente que seus corpos balançavam de um lado para o outro sob a força das pancadas. Eram colocados em refrigeradores — “celas refrigerantes” — tão frias que se formava uma camada de gelo na parte interna da cela. Eu próprio fui jogado em uma dessas celas com bem pouca roupa. Médicos da prisão observavam-nos através de uma abertura, até verem sintomas de morte por congelamento. Nesse ponto davam sinal e os guardas nos tiravam e então éramos aquecidos. Quando já estávamos adquirindo calor, éramos imediatamente colocados de novo nas celas congeladoras, e isto repetidamente! Descongelar depois congelar até um ou dois minutos antes da morte, e então descongelar novamente. Isso continuava indefinidamente. Até hoje, algumas vezes não suporto abrir um refrigerador".

Na prisão de Tirgu-Ocna, havia um prisioneiro muito jovem chamado Matchevici. Estivera ali desde a idade de dezoito anos. Por causa das torturas, estava agora muito doente com tuberculose. Sua família descobriu de alguma forma o seu estado de saúde, e enviou-lhe cem vidros de estreptomicina, que poderiam lhe fazer a diferença entre a vida e a morte. O oficial político da cadeia chamou o prisioneiro e mostrou a encomenda. Disse-lhe: 'Aqui está o remédio que pode salvar sua vida. Mas não é permitido receber encomendas da família. Pessoalmente, gostaria de ajudá-lo. Você é jovem. Não gostaria que morresse na prisão. Ajude-me a ajudá-lo! Dê-me informações contra seus companheiros na prisão, e isto me dará justificativa diante dos meus superiores por lhe ter entregado a encomenda'. Matchevici respondeu sem hesitar: 'Não desejo permanecer vivo e ter vergonha de olhar no espelho, pois estaria vendo um traidor. Não posso aceitar tal condição. Prefiro morrer'. O oficial lhe estendeu a mão e disse: 'Minhas congratulações. Não esperava que me desse qualquer outra resposta. Mas eu gostaria de fazer outra proposta. Alguns dos prisioneiros se tornaram informantes. Afirmam que são comunistas, e estão denunciando a você. Jogam dos dois lados. Não confiamos neles. Gostaríamos de saber até que ponto são sinceros. Para você foram traidores. Prejudicaram muito sua vida, informando-nos sobre suas palavras e ações. Compreendo que não queira trair seus companheiros. Mas dê-nos informações sobre estes que se lhe opõem, e assim salvará sua vida!'. Matchevici respondeu com a mesma rapidez que tivera na primeira proposta. 'Sou um discípulo de Jesus, e ele nos ensinou a amar até nossos inimigos. Estes homens que nos traem realmente nos prejudicam muito, mas não posso pagar o mal com mal. Não posso dar informação nem contra eles. Tenho pena deles, oro por eles, mas não desejo ter qualquer ligação com os comunistas'. Matchevici voltou desta conversa com o oficial e morreu na mesma cela onde eu estava. Estive ao seu lado quando morreu, e morreu louvando a Deus. O amor venceu até mesmo a sede natural pela vida."

7) Sobre a fé em Jesus Cristo:

Uma grande lição permaneceu após todas as surras, torturas e carnificina infligidas pelos comunistas aos cristãos: o espírito é capaz de dominar o corpo. Muitas vezes, ao sermos torturados, sentíamos a dor, mas era como se fosse algo distante e bem dissociado do nosso espírito que estava tomado com a glória de Cristo e a sua presença conosco. Quando recebíamos uma fatia de pão por semana, e uma tigela de sopa de água suja por dia, decidimos que continuaríamos dando fielmente o "dízimo" mesmo nestas circunstâncias. De dez em dez semanas pegávamos a fatia de pão e a entregávamos a alguém que estava mais fraco como nossa oferta ao Mestre".

Notas: 1- Esta seção não visa revelar necessariamente “mártires” devidamente mortos por seus carrascos e verdugos, mas também aos que sofreram, por anos a fio, ameaças de morte, torturas e chegaram a “morrer” inúmeras vezes sem contudo entregarem seus espíritos. É mais uma homenagem e lembrança àqueles inocentes e devotados servos de Deus, que por motivos ideológicos tiveram parte ou o todo da sua vida ceifada pela crueldade e vilania de governos e seus comandantes.

2- O livro pode ser adquirido no site “Voz dos Mártires”, em inglês ou espanhol, já que a versão em português está esgotada há muito, e talvez possa ser encontrada somente em sebos, infelizmente.

3- Voz dos Mártires: <https://www.vozdosmartires.pt/>

NO REINO DA BICHARADA

Othon Cávado

Houve eleições no Reino da Bicharada, e o Tamanduá ganhou a coroa. As formigas, cupins e outros térmitas protestaram, ao alegar fraude nas urnas. Foram inúmeras tentativas de se reverter a diplomação do novo rei, mas todos os apelos helmínticos foram em vão. Sequer analisados pela Corte da bicharada, presidida pelo Ornitorrinco e o Porco Espinho como vice. Algo a ajudar a enfraquecer os pedidos das formigas e seus pares, foi o surgimento de uma dissidência em suas fileiras. O grupo das formigas arco-íris se rebelou contra os agravos dos formigueiros e cupinzeiros alegando preconceito contra o Tamanduá. Com o decorrer dos dias e semanas, e as recusas automáticas da Corte, os argumentos das formigas arco-íris ganharam eco, e até mesmo as mais antigas e sábias formigas se convenceram de não ser correto e “humano” julgar o Tamanduá. Certamente, muito do que havia sido dito era mentira, coisa de formiga fascista, e alguns chegaram a lançar-se energicamente contra a fake-news a se alastrar nas redes sociais: os insetos serem o principal petisco dos mamíferos.

Quando assumiu o reinado, o Tamanduá constituiu uma guarda particular, formada por porcos espinhos, ornitorrincos e outros confrades, aumentou os impostos e iniciou a reforma térmite, desapropriando cupins e formigueiros, a deixar seus antigos proprietários à mingua. O argumento, finamente elaborado, era existir milhares de formigueiros e cupinzeiros no Reino da Bicharada, e ainda assim nem todas as himenópteras tinham acesso ao conforto e regalias. Em seus lugares, ergueu-se grandes castelos onde o Tamanduá e sua corte refestelavam-se em muita comilança, bebedeira e orgias.

Novamente, os artrópodes conclamaram seus pares ao protesto. Em resposta, o Tamanduá justificou seus atos dizendo não se considerar um tamanduá, mas que se sentia uma formiga. Foi o suficiente para as formigas arco-

íris apoiarem-no e propagandear aos quatro ventos que, se um tamanduá podia se sentir formiga, elas também podiam se sentir tamanduá, e como tal, nem um, nem outro, podia ter cerceado o seu direito a ser o que quisesse; cada um devia ser feliz como queria e era dever dos demais aceitar sem qualquer reclame. Foi o suficiente para extinguir os protestos e receber o endosso, numa carta aberta a favor da liberdade, da Ordem das Arthropodas da Bicharada, vulgo O.A.B.

Alguns insetos, especialmente os mais famosos e endinheirados, gastavam fortunas para prolongar seus focinhos e se parecerem com o tamanduá, fazendo a alegria de cirurgiões plásticos e o estardalhaço ululante da mídia. Não se viu, do outro lado, qualquer movimento nessa direção, de alterações estéticas; secretamente, os tamanduás que desejassem a aparência de outra espécie eram coagidos e “estimulados” a permanecerem como tais, e a manter o mais profundo silêncio sobre o assunto. Quem insistisse, desaparecia, simplesmente.

Um belo dia, quando não havia mais formigueiros e as formigas começaram a viver em esgotos e se alimentar de detritos (muitas se consideravam baratas, ratos, lacraias e escorpiões), o Tamanduá, em declaração na rede de tv e rádio estatal, afirmou, a partir daquele momento ser novamente tamanduá e, como tal, voltaria a fazer aquilo que seus pais, avós e gerações e gerações de tamanduás sempre fizeram: invadir formigueiros e cupins a fim de se saciar. Claro que ele mesmo não ia até esses lugares, mas seus sequazes, ornitorrincos e porcos espinhos, se encarregavam de abastecer as dispensas dos manjares e iguarias feitos com os seus insetos prediletos. Nem mesmo as antigas aliadas, as formigas arco-íris, escaparam. Eram servidas nos laudos e fartos banquetes, assadas, cozidas, fritas e, não raro, ainda vivas, aumentando assim o prazer insaciável do Tamanduá e seu séquito.



SPOILERS



O GABINETE DE CURIOSIDADES DE GUILHERMO DEL TORO

Para quem ainda não conhece, Guillermo Del Toro ficou mundialmente famoso com o seu filme esquisito intitulado “O Labirinto do Fauno”, mas fez vários outros, como a sequência “Hellboy”, e “A Espinha do Diabo”, quase sempre com protagonistas chifrudos, o que parece ser sua predileção. Mas também fez o esquisitinho “A Forma da Água”, “Blade II” e, mais recentemente, “Pinocchio”.

Apesar de não ser apaixonado por filmes de terror, consegui assistir os oito episódios da série da Netflix, “O Gabinete”, com a impressão de que poderiam ser absolutamente fantásticos, se não fosse o que parece ter sido a obrigação do idealizador de, ao final, fazer jorrar sangue de uma forma gratuita. Não precisava.

A direção de fotografia dos filmes é um detalhe que pode passar batido para muita gente, mas o trabalho do responsável, nesta série, merece quase um 10, e além disso, os atores são muito bons, a direção é segura, mas os episódios são recheados de clichês, pensamos que propositalmente. Quanto aos finais...

De todos, apenas o último não acaba em cabeças explodindo, sangue espirrando por todos os lados, e talvez seja o que possui menos dose de suspense, “O Múrmúrio”, que fala de um casal de ornitólogos, às voltas com pássaros raros, em uma ilha deserta.

Os temas são extremamente envolventes, as tramas desenvolvidas com muita habilidade, para que, no final, como dissemos, surjam monstrinhos, explosões encefálicas, jorros de sangue e coisas do tipo, que se vê aos montes em filmes de terror. Caso não houvessem tais finalizações tão forçadas, tão explícitas, diríamos se tratar de uma obra de arte. Mas tem gente que gosta que seja assim, e a produção, certamente, objetiva agradar a

este específico público.

Particularmente, posso dizer que o primeiro episódio, “Lote 36”, é o melhor deles. Mas insisto que poderia ser infinitamente melhor, se não se apegasse a ser somente mais um filme de terror, quando poderia ser um ótimo suspense na linha de Hitchcock. Já o episódio 4, “Por Fora”, nos faz lembrar algum filme do passado que não sei agora precisar, que conta a história de uma mulher feia que quer ser bonita e acredita que um creme utilizado pelas colegas de trabalho conseguirá realizar o seu sonho, e de certa forma consegue. Mas exagera nos efeitos pessoais, nas gosmas e no sangue, o que poderia ser evitado. O conjunto não é ruim, mas acredito que todos os que assistirem ficarão com esse sentimento de que poderia ser bem melhor.

Faremos uma brevíssima sinopse sobre os oito capítulos, lembrando que, ao final, todos os personagens morrem das maneiras mais bizarras possíveis, o que deverá agradar o gosto de muitos pervertidos.



EPISÓDIOS

Episódio 8 · O Murmúrio

Depois de uma tragédia, os ornitólogos Nancy e Edgar se isolam em uma casa para estudar os pássaros. Mas a história do lugar é cheia de tristezas e terrores. Não me lembro o que acontece no final, porque dormi.

Episódio - 7 · A Inspeção

Um milionário recluso recebe quatro convidados em sua mansão para uma experiência inesquecível, que acaba virando uma noite de terror. No final, todo mundo morre.

Episódio - 6 · Sonhos na Casa da Bruxa

Anos após a morte da irmã gêmea, um pesquisador usa uma droga especial para entrar em um mundo misterioso e sombrio e tentar trazê-la de volta. Mas eles morrem no final.

Episódio - 5 · Modelo de Pickman

Com suas obras de arte assustadoras, o introvertido Richard começa a alterar o senso de realidade do estudante Will. Adivinhem o que acontece no final? Todo mundo morre.

Episódio 4 · Por Fora

Para se encaixar no trabalho, Stacey começa a usar um creme famoso, que provoca uma reação arrepiante e uma transformação perturbadora. No final ela se transforma, e um monte de gente morre.

Episódio 3 · A Autópsia

Para desvendar o mistério de um cadáver encontrado na floresta, um xerife experiente pede a ajuda de um velho amigo: um médico legista. Os mortos se levantam, espirram gosmas variadas e os protagonistas morrem.

Episódio 2 · Ratos de Cemitério

Um ladrão passa por um labirinto de túneis cheio de roedores para chegar ao túmulo de um milionário. O cara morre devorado por ratos gigantes.

Episódio 1 · Lote 36

Um homem endividado mantém um depósito cheio de artigos misteriosos para vender, mas acaba se metendo em uma situação desesperadora. É óbvio que ele morre no final.



A VIDA POLICROMÁTICA EM "RUÍDO BRANCO", DE DON DELILLO

Jorge F. Isah

Este é o meu segundo livro de Don DeLillo; o primeiro, "Os Nomes", foi lido ainda na década de 90. "Os Nomes" é um livro muito mais introspectivo, mais intimista, quase uma confissão do personagem principal. Pelo menos, é o que apreendi da leitura, passados mais de 20 anos, e durante esse período acalentei ter outra de suas obras em mãos, mas, por uma série de contingências, somente agora foi possível. Ainda espero, se Deus quiser, reler "Os Nomes" e fazer uma leitura mais acurada e madura.

Quanto a "Ruído Branco", o tema principal, em um universo de muitas personagens, é a morte. Sim, a morte; a começar pelo autor principal, Jack Gladney, um professor universitário especializado em "Hitler" ou, mais especificamente, na matéria Hitlerologia. Haverá melhor forma de começar um livro sobre o tema da morte do que informar a profissão/função da personagem principal? Só se ele fosse também um "Stalinorologista", "Leninologista", "Maologista", "Castrologista", ou um patologista forense. Chega a ser "sui generis" que essa matéria tenha ganhado uma cadeira universitária, mesmo em uma faculdade minúscula no interior dos EUA. A despeito disso, parece-me que a matéria, e o seu professor, ser a expoente daquele ambiente, mais pela bizarrice do que propriamente pela sua relevância. Seria o mesmo que um acadêmico brasileiro criasse a cátedra de "Getuliologia" ou "Lulologia", guardadas as devidas proporções, claro (espero que ninguém se aventure e copie a ideia).

Bem, posto isso, como não sou de descrever enredos, situações, e resumir a trama dos livros, vou-me ater aos pontos que me parecem necessários, sem tirar a graça do futuro leitor que deseja se embrenhar na narrativa de DeLillo. Primeiro, a leitura é fluente, a despeito de alguns detalhes e tramas prescindíveis. Não digo que sejam desnecessárias, mas o livro poderia ter sido reduzido em, pelo menos, umas duas dezenas de páginas, sem perder em nada a essência narrativa.



Segundo, a maioria dos personagens são paranoicos, neuróticos, obsessivos, quando não lisérgicos ou desinteressados ao extremo. Não sabia a data em que foi escrito até iniciá-lo. Em princípio, situava-o por volta dos fins dos anos 60 e início dos 70. À medida que o enredo se desenrolava, percebi que se ambientava no início dos anos 80, o que confirmei hoje, lendo uma pequena biografia do autor (normalmente faço antes da leitura, não sei por que, cargas d'água, somente fiz agora, após o desfecho final).

Na primeira parte, ele se parece com um "dejavu" dos anos 60, em meio aos anos 80, ou seja, pessoas que cresceram na época da revolta e libertarianismo (o famoso clichê "sexo, drogas e rock'roll"), estavam entregues a uma vida estável, na meia-idade, em seus empregos seguros, lares seguros, famílias constituídas ou em vias de se constituírem, estabilidade e continuísmo social; ainda que a confusão iniciada lá, na década de 1960, esteja presente e vívida vinte anos depois; e a tão pretendida revolução apenas se tornou em nova tradição: egoísta, pragmática, viciosa, cética. Na ânsia de destruir-se o passado construiu-se uma alforja estereotipada de futilidades (desculpe-me a redundância); e o homem se viu em busca de si mesmo, quando estava irremediavelmente perdido em sua pretensa autossuficiência e ausência de futuro.

Terceiro, após algumas peripécias: um desastre ambiental, controle e manipulação sociais, traições conjugais, experimentos químicos/psíquicos, e críticas desferidas a todos os lados, em especial à vida americana acadêmica e familiar (muitas irônicas, outras ácidas), é-se possível perceber o quanto o homem moderno está perdido, sem rumo, e ainda tem de conviver diariamente com a ideia da morte, da fragilidade, da impotência diante de algo muito maior que a própria existência. Foi preciso uma catástrofe para a

maioria sair do seu “mundinho”, das posições e opções descomplicadas e imediatas para uma realidade inesperada, perturbadora, imperativa, sem escolhas ou declinações.

Quarto, o livro é uma sátira; pode-se considerá-lo, até mesmo, uma paródia. Mas não deixa de ser instigante a maneira como o autor aborda uma série de questões, que mesmo parecendo apenas “nonsense” e “hiperbólicas”, nos dão a impressão de DeLillo estar a rir de si mesmo e de nós o tempo todo.

A algumas páginas do fim (um livro que estava na minha estante havia uns cinco anos, aguardando ser aberto), posso dizer que a ficção de DeLillo é, no mínimo, provocativa, incitadora. Ainda que ele não apresente nenhuma solução ou coloque todas as “cartas” sobre a mesa (e diga-se, não é necessário), está no rol dos autores capazes de fazerem com que o leitor adentre ao texto e se impregne dele; e torna-se cada vez mais raridade em nossos dias, em tempos onde a literatura, de maneira geral, está diluída pela própria incapacidade e acaba por se tornar em arremedo do arremedo do arremedo do...

Certamente é uma leitura que vale a pena, muito a pena. Ainda que você seja assombrado pela ideia da morte... pois ela lhe parecerá ainda mais real e inexpugnável na vida dos personagens de DeLillo.

Avaliação: (***)

Título: Ruído Branco

Autor: Don DeLillo

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 320

Sinopse: "Ruído branco, o oitavo romance de DeLillo, é a história de um professor universitário que vive com a família no Meio-oeste americano, numa cidadezinha que é evacuada depois de um acidente industrial. À luz de desastres como o da Union Carbide na Índia, que matou mais de duas mil pessoas e feriu outras milhares (e que acabara de ocorrer quando o livro foi publicado), Ruído branco mantém seu sentido atual e aterrorizante"

espaço destinado ao vazio

BLACK FRAUDE

TUDO PELA METADE DO DOBRO

Está acontecendo, neste momento, no Brasil, uma promoção surrupiada dos norte-americanos denominada "Black Friday", tendo começado por estas terras tupiniquins em 2010, mas que teve origem nos Estados Unidos, em 1869, quando dois espertalhões tentaram uma jogada para enriquecerem fazendo o preço do ouro disparar na Bolsa de Valores, mas o plano veio abaixo com a interferência do Presidente Ulysses S. Grant, o que fez com que o preço do metal caísse drasticamente no dia 24 de setembro daquele ano, uma sexta-feira, e o dia ficou conhecido como Black Friday.

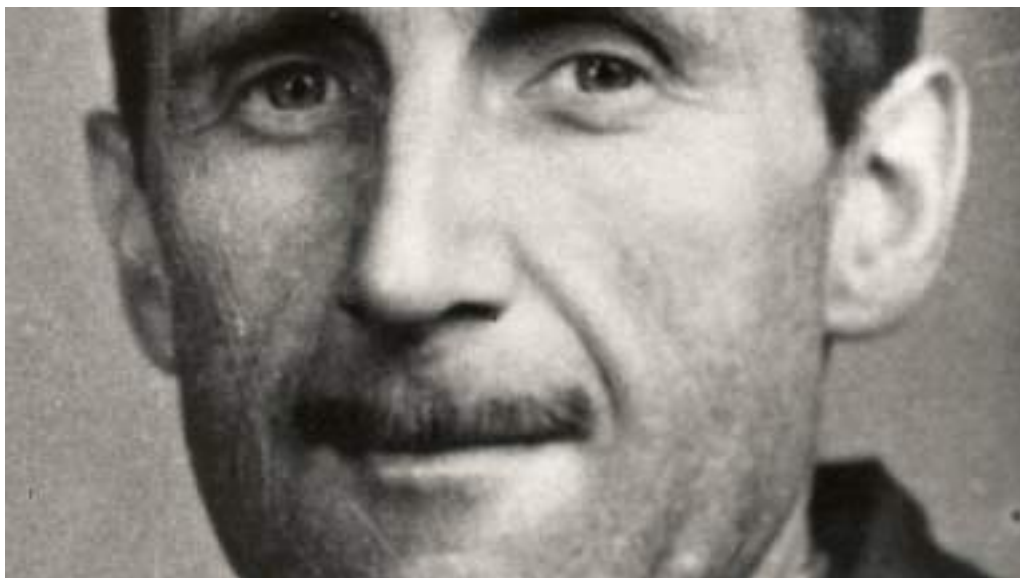
Mais tarde, a data passou a ser comemorada imediatamente após o Dia de Ação de Graças, tradicional feriado norte-americano realizado na última quinta-feira do mês de novembro. E assim ficou.

No Brasil, onde só existe o Dia de Ação de Desgraças, o brasileiro, criativo como só ele é, conseguiu entrar com o seu "jeitinho" e na maioria dos casos os comerciantes dobram os preços dos produtos para depois aplicarem um desconto de 50%, e alguns caras de pau ainda tem a coragem de exibirem cartazes em suas lojas anunciando descontos incríveis. E o povo ainda compra.

Tive a oportunidade de verificar que, em vários casos, os preços não só não baixaram, mas aumentaram substancialmente o seu valor, pois estava acompanhando há semanas a variação, na esperança de ver belas promoções. Santo engano!



Tive que ir a um shopping que fica perto da minha casa e fiquei abestalhado ao ver a quantidade de gente procurando desesperadamente as lojas, como se o mundo fosse acabar amanhã. Precitaria dizer a elas que não vai acabar amanhã, mas depois de amanhã. E assim de nada adiantará comprar qualquer coisa que seja nessa Black Fraude.



GEORGE ORWELL: O CENTRO DOS EXTREMOS

por Guido Malaparte

Em pleno 2022, George Orwell está na “crista da onda”. Mesmo aqueles a ignorar seus livros, ensaios e artigos conhecem-no, ou deveriam conhecer, por conta de uma distorção holandesa, um reality show denominado “Big Brother”, aqui em terras tupiniquins apelidado singelamente de “BBB”. Qual a semelhança? Um grupo de “efemérides efêmeras” é confinado em uma casa sem contato exterior onde, grosso modo, exibissem-se nas mais fúteis e degradantes interações, “vigiados” simultaneamente por milhões de telespectadores, deleitosos em acompanhar o circo de horrores diuturnamente. Pois bem, resumindo, Orwell escreveu um romance chamado “1984”, em que o “Grande Irmão” governa, observa, vigia, monitora e fiscaliza a vida de cada um dos cidadãos. Nada lhe escapa, e tudo é ordenado por ele. É o sistema de comandar, dirigir e reger atitudes, comportamentos e o pensamento de todos. Aos insubmissos, resta-lhes a punição eficaz e inflexível do Estado.

O “BBB” utiliza-se apenas do voyeurismo, a compulsão doentia e sistemática de observar outrem, um tipo de psicopatia normalmente amenizado pelo sinônimo eufemista “curiosidade”. O espetáculo consentido pelos participantes torna-os em celebridades liquefeitas, e extinguem-se tão logo são afastadas da tela. Nada porém impede outras pessoas de buscar os 15 segundos de fama e de alguns milhares de reais na conta, se submeterem aos olhares anônimos e estatísticos de brasileiros sedentos em satisfazer suas psicoses. Podem falar o que quiser, mas nada transformará moléstia em vigor, inquietação em bem-estar, e por aí afora.

Mesmo sem querer, George Orwell é o pai de um filho bastardo, nascido e crescido à sombra de uma Espirradeira, sem a beleza delicada das flores rosa clara. Papai Orwell deve estar se revirando no túmulo, pois, a despeito dos acertos em suas análises e pre-

visões terríveis, diga-se, para o futuro (o nosso hoje e agora), os tais holandeses, idealizadores da bizarrice televisiva, superaram em muito as desgraças previstas pelo oráculo inglês.

Eric Arthur Blair, mais conhecido como George Orwell, nasceu em 1903, na Índia Britânica, e faleceu em 1950, em Londres. Escritor sagaz, perspicaz e bem-humorado, era marxista e chegou a lutar nas fileiras do Partido Operário de Unificação Marxista (Poum) na Guerra Espanhola, ao mesmo tempo em que criticou veementemente o stalinismo soviético e o totalitarismo de forma geral. Também são famosas as suas críticas aos libertários e progressistas esnobes e burgueses (uma esquerda festiva, rica e hipócrita) nos mesmos moldes de muitos empresários e artistas brasileiros, com seus discursos empolados e práticas diametralmente opostas. Com isso, não estou a eliminar as contradições de um pensador como Orwell, mas o fato de todo ser humano também amargar suas incongruências; a diferença é, hoje, infelizmente, em quase qualquer lugar aonde se vá e haja o indício de um debate, não se ouvir nada além de preto no branco e branco no preto; não se permitem mais os espectros cinzas, muito menos pode-se tolerá-los. E tanto de lá, da esquerda, quanto de cá, da direita, Orwell é reivindicado correligionário, e suas ideias antagônicas jogadas para debaixo do tapete e tidas por “interpretações equivocadas”. Entretanto, estão lá, para quem quiser ler, meditar e ponderar sem restrições. Mas assim é o homem e a humanidade... e o desejo de se uniformizar o pensamento, mesmo o de um único indivíduo, é tirar-lhe a capacidade de crescer, arrepender-se e ressignificar a própria vida. Via de regra, ninguém, nem mesmo governos e sistemas, pode impor isso.

Deixemos então Orwell falar por si mesmo. É o melhor a fazer, mesmo por frases curtas e pensamentos reduzidos; contudo, em sua vocação

sintética ele tem muito a dizer, com ironia crítica e satírica, mais do que a maioria é capaz de compreender e aceitar, não nessa ordem, pois, para muitos, é a verdade é como o Papa-Légua perseguindo o Coiote¹, e não o contrário.

Nota: 1 - Papa-Légua é uma série de desenho animado americano criado pelo diretor Chuck Jones com histórias desenvolvidas pelo escritor Michael Maltese. Teve seu primeiro episódio exibido no dia 16 de setembro de 1949.

FRASES DE GEORGE ORWELL

“Se a liberdade significa alguma coisa, será sobretudo o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir”

“A maneira mais rápida de acabar com uma guerra é perdê-la”

“Quando se diz que um escritor está na moda, isso quer dizer que ele é admirado por menores de trinta anos”

“Pensamento duplo indica a capacidade de ter na mente, ao mesmo tempo, duas opiniões contraditórias e aceitar ambas”

“O crime de pensar não implica a morte. O crime de pensar é a própria morte”

“A liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro. Quando se concorda nisto o resto vem por si”

“Quatro patas bom, duas patas ruim”

“A massa mantém a marca, a marca mantém a mídia e a mídia controla a massa”

“Quanto mais a sociedade se distancia da verdade, mais ela odeia aqueles que a revelam”

“A linguagem política destina-se a fazer com que a mentira soe como verdade e o crime se torne respeitável, bem como a imprimir ao vento uma aparência de solidez”

“Toda propaganda de guerra, toda a gritaria, as mentiras e o ódio, vem invariavelmente das pessoas que não estão lutando”

“Descemos a um ponto tal que a reafirmação do óbvio é o primeiro dever dos homens inteligentes”

“A ideologia anima os homens padronizados, que pensam em slogans e falam em balas de revólver”

“Os melhores livros são os que dizem o que já se sabe”

“Vivemos numa das piores Ditaduras imposta pelo homem, todavia, esta dissimula utilizando o pseudônimo ‘Democracia’”

“Algumas ideias são tão estúpidas que apenas um intelectual poderia acreditar nelas, já que o homem comum nunca se faz tão tolo”

“Se você quer manter um segredo, você também deve escondê-lo de si mesmo”

“Toda piada é uma pequena revolução”

“O problema da competição é que alguém vence”

“O maior inimigo da linguagem clara é a falta de sinceridade”

“Se as pessoas não conseguem escrever bem, então não conseguem pensar bem. E, se não conseguem pensar bem, outras pessoas pensarão por elas”





QUE TAL UM BOM BIFE?

Você sabe fritar um bife? Acredite, tem gente que não sabe, e assim resolvi ensinar. É mais fácil do que fazer um café. O problema é que tem gente que também não sabe fazer café. Nem arroz. Assim fica complicado, mas tentarei continuar com minha monástica paciência para ensinar-lhe algo que é mais fácil do que andar para a frente. Andar para frente você sabe, não? Se a resposta é afirmativa, conseguirá fazer um belo bife.

Para início de conversa “bife” é como chamam a carne de boi. Frango ou outras carnes são chamadas de frango ou outras carnes. Aqui, vamos chamar “bife” as carnes de boi e frango. O artigo é meu e eu mando. E olha que não sou ministro de nada.

Para fritar carne de boi, você só precisará de uma frigideira. Custo de usar as antiaderentes, mas fique à vontade para utilizar qual você quiser, mas contando que as deixe quentes, pois só assim conseguirá fazer um bom bife.

Gosto de utilizar azeite para fritar carne de boi e manteiga (com um filete de azeite) para fritar carne de frango.

Defina a espessura da carne que vai fritar, coloque sal e pimenta de um lado e do outro e coloque um ou dois bifos na frigideira (28 cm, é a que uso) QUENTE. Nunca coloque com a panela fria, ou a sua carne vai virar sola de sapato.

Deixe a carne fritar de um lado, e não mexa nela, DE FORMA ALGUMA, até que fique dourada (não queimada), e então vire do outro lado e deixe dourar do mesmo jeito. Se, durante a fritura, formar líquido no fundo, tire a carne por instantes, deixe secar e coloque novamente, ou você só poderá usá-la para forrar seus calçados.

Pode ser que não fique bem da primeira, da segunda ou da terceira vez, pois ficará inseguro quanto ao ponto certo de virar a carne, mas pode ter a certeza de que em breve conseguirá preparar os melhores bifos do velho oeste.

DEUS é vermelho

Jorge F. Isah

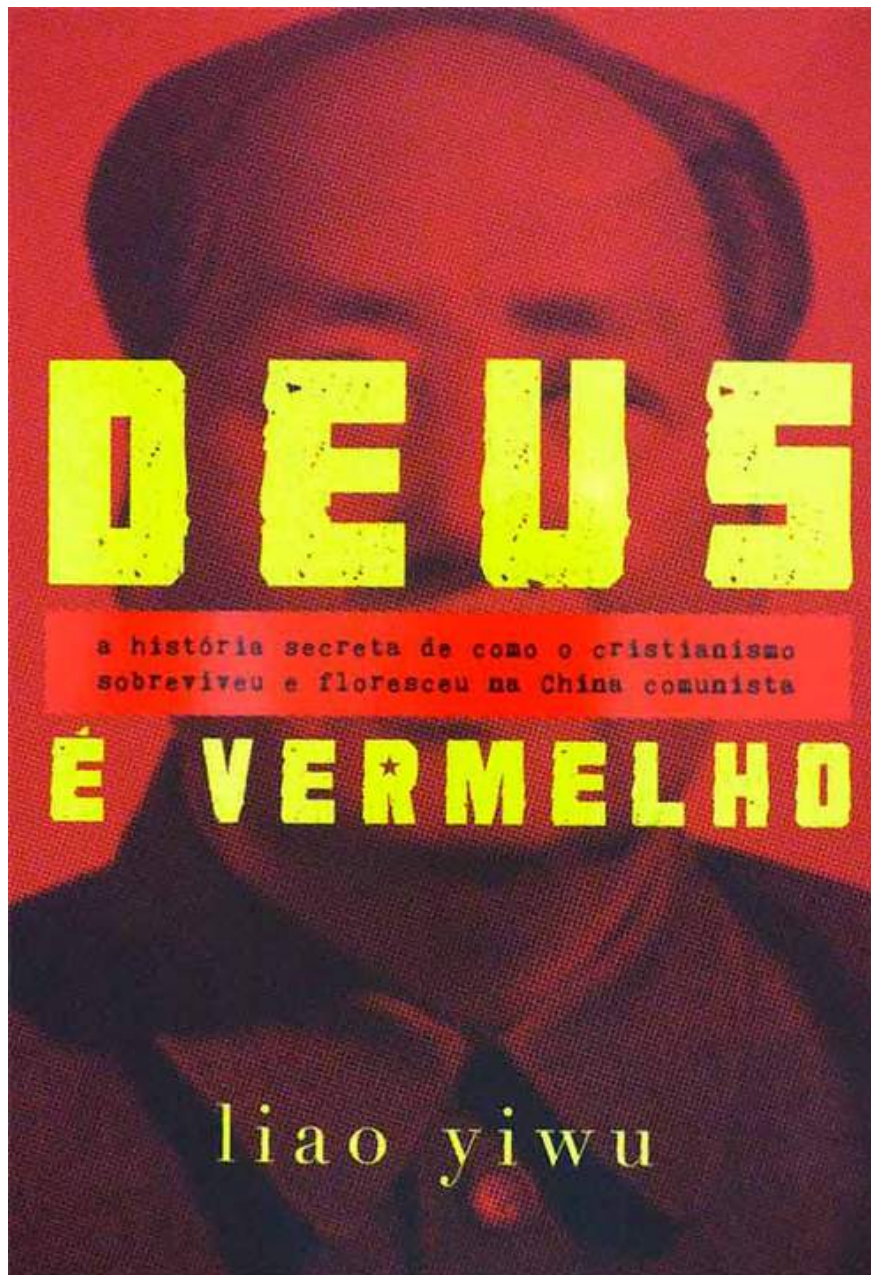
O autor, Liao Yiwu, não é cristão. Está mais interessado no movimento de resistência ao comunismo na China do que propriamente com o Cristianismo, ainda que o Cristianismo tenha-lhe chamado a atenção como um "movimento de resistência". Ou seja, seus interesses são muito mais voltados para a política, sociologia e antropologia (e até mesmo a história do Cristianismo na China) do que o Cristianismo como fé bíblica. E isso é normal, pois qual interesse um descrente envolvido com a revolução à contrarrevolução teria com o Cristianismo?

Ainda que ele chame pastores, missionários e líderes cristãos de "ativistas" (um claro exemplo de como a mente revolucionária funciona, ao vislumbrar posicionamentos como meros arquétipos ideológicos), se permite relatar as declarações de fé que deveriam mover o cristão: Jesus Cristo como Senhor e Salvador do homem. São poucos esses momentos, tenho de convir, mas eles

existem; e alguns são realmente tocantes, revelando o amor à verdade e a entrega em proclamá-la, mesmo com o risco de prisão e morte.

Ele se atém mais à questão do Cristianismo como movimento histórico que sobreviveu aos tempos de chumbo do governo Maoísta, momentos críticos nos quais homens, mulheres e crianças, diante da expropriação dos bens das igrejas, a perseguição aos cristãos professos, prisões, morte, tortura, e tudo o mais que envolve um regime totalitário onde o estado e o seu líder máximo são considerados "deuses", cultuados e venerados como se o fossem, suas vidas abrirem-se sob os pés.

A revolução cultural de Mao foi apenas isto: uma tentativa de tornar todos os chineses em um só corpo e mente (o corpo rotundo e atarracado de Mao, e a mente patológica e destrutiva do "estado chinês"); mas eles mesmos perceberam não haver força capaz de destruir a fé do povo (boa parte da população campeou e se iludiu com os clichês revolucionários dos vermelhos, enquanto outra, não tão iludida, viu-se obrigada a aceitá-la em troca a própria sobrevivên-



cia); por isso, criou-se uma igreja oficial e estatal, onde as regras eram ditadas pelo Partido Comunista, numa forma um pouco menos explícita de se corromper a alma, ainda que mantendo-se o mesmo objetivo (regimes comunistas e fascistas são pródigos em controlar tudo, desde bens, trabalho, vida, pensamentos e, se possível fosse, até mesmo o espírito de cada um).

Ele parece não entender como uma religião que chegou ao país havia pouco mais de um século e não tinha raízes na cultura milenar chinesa, sobreviveu a todas as tentativas de erradicação.

A criação de uma religião nacional e estatal, aos moldes da religião oficial do Nazismo no III Reich¹, onde os cristãos eram obrigados a renegar a sua fé em favor da fé no estado chinês e em seu líder máximo, parecia resultar na destruição de qualquer influência cristã no império do centro. Entretanto, para a surpresa geral, e do próprio autor, ele encontrou uma igreja perseguida, à margem da sociedade, escondida em lares e cavernas, a florescer e crescer em meio ao maior país ateu do mundo, ao menos em termos geográficos e demográficos, a

despeito de todos os esforços do partido comunista no combate insistente a qualquer manifestação que não seja o culto a seus ídolos criados à força, leis e decretos despóticos e insanos.

O Cristianismo vai muito além de simples "fenômenos" sociais e antropológicos, pois é fruto da ação sobrenatural e direta do próprio Deus na alma humana. Liao Yiwu não entende isso, e parece não se importar com isso. A descrição de prodígios é escassa; o autor não parece se interessar ou se dispor muito a eles; os relatos até aqui do mover de Deus no meio do povo ocorrem na forma de uns poucos milagres, narrados com nítida descrença e ceticismo, mesmo diante das evidências e vários testemunhos oculares, fontes primárias.

Ele tenta relacionar o Cristianismo com outros movimentos religiosos que se opõem à igreja oficial chinesa, como se fossem quase a mesma coisa, diferindo apenas no tipo de "Deus" que cada um cultua e na forma em que se rebelam, ou se revelam.

Não faltam relatos comoventes de cristãos perseguidos, presos, torturados e mortos pelo regime mais assassino do mundo em todos os tempos, e isso dá a verdadeira dimensão daquilo a diferenciar boa parte da igreja no Ocidente, confortável, preguiçosa e negligente quanto a proclamar o evangelho de Cristo; e o Oriente e suas grandes batalhas, a despeito das terríveis consequências pelas quais terá de pagar pela desobediência jurídica. Tal qual a igreja primitiva, nossos irmãos não se calam, levam luz e sal onde estão, e não se negam a fazê-lo mesmo pagando alto preço.

E, de certa forma, fico pensando que raios de cristãos são os que defendem a conciliação entre marxismo e o Cristianismo². É algo impossível e inimaginável para qualquer cristão que não se ilude com a mentira e falácia de que o marxismo é inofensivo. Por mais que as evidências e os fatos históricos comprovem as atrocidades, perseguições, execuções e a tentativa de destruição da fé, alguns de nós não querem ver, ou teimam não ver, o quão maligno e anticristão são os fundamentos e premissas marxistas. Desta forma, o ateísmo somente pode ser substituído pela religião do estado³, onde líderes são cultuados, venerados, como entes sobrenaturais, enquanto faz apenas apontar para aquilo de mais depravado e ignóbil carregam em seus íntimos desejos.

Liao escreveu um livro de leitura fácil, agradável, e que, a despeito de não tocar nos pontos cruciais à fé: a perseverança sobrenatural diante da mais virulenta e sangrenta perseguição, o flagelo a corroer e dizimar vidas, cuja única finalidade é a tentativa de controle integral e absoluto das pessoas (a falsa liberdade de se estar livre enquanto arrasta-se em cadeias), não deixam de ser relatos a fazer os entrevistados testemunhas de Cristo, e de o evangelho não parar e continuar em sua missão de revelar o amor e a graça



divinas, a subsistir não pela força humana, mas pelo poder do Espírito; não por leis e decretos, mas pela justiça e martírio de Cristo; não por promessas passageiras e irrealizáveis, mas pela viva esperança e o juramento de Deus a torná-las reais e efetivas, não em um futuro distante, porém agora, já!

Em princípio, a leitura deste livro é o suficiente para os cristãos verdadeiros fugirem de qualquer aliança com o marxismo, ainda que seja apenas por simpatia, pois, como Paulo diz, que união há entre luz e trevas? Entre Cristo e Belial? A questão é, sem querer demonizá-lo, de o marxismo ser fruto do desejo de aniquilar qualquer traço divino na Criação, e qualquer traço divino no homem, feito à imagem de Deus. Para isso, há de se controlar não somente o corpo e alma mas também o espírito humano. E se isto não é diabólico em sua proposição, em seu axioma mais furtivo e sigiloso, nada mais o é!

Não obstante, é impossível não notar os méritos do autor, Liao Yiwu, e reconhece-los; equivale dizer que a minha crítica inicial foi parcialmente injusta após refletir um pouco mais em pontos e narrativas a superar à minha própria suspeita e, porque não dizer, avaliação. Tendo a sua atenção voltada para o Cristianismo como movimento contrarrevolucionário na China (uma espécie de rebelião à revolução maoísta), ele abre espaço para o testemunho pessoal e de fé, com relatos de conversão, de mudança de vida e propósitos, bem diferente do ufanismo e triunfalismo atualmente vigente no Ocidente, especialmente aquele a manter de pé, sabe-se lá como, a teologia da prosperidade e no neopentecostalismo. Neste aspecto, ele construiu um relato, se não totalmente fiel à igreja chinesa, ao menos não omitiu a marca mais evidente do Cristianismo: a transformação do homem de criatura a filho de Deus, de pecador a santo, de escravo a liberto, de perverso a amoroso. Portanto, chamar de "movimento", "contrarrevolução", "revolução" ou qualquer outro jargão ideológico demonstrará algum grau de ignorância quanto à verdade, de não ser possível qualquer transformação profunda no homem sem o seu espírito atravessar os tortuosos caminhos do autonomismo e alcançar o caminho perfeito do servilismo a Cristo, e somente a ele. Mais vale um servo livre no amor do seu Senhor do que um autocrata insuficiente, a espalhar o seu ódio generalizado, inclu-

sive a si mesmo.

Relatos como o do Dr. Sun, um dos mais renomados e influentes médicos chineses, e que abandonou todo o "status" que a sua profissão poderia lhe dar (dinheiro, poder, fama e holofotes) para se arriscar à ajuda humanitária nos grotões chineses (a quem poderíamos chamar de um "médico ambulante" ou itinerante), onde não havia serviços públicos e o povo vivia em miséria absoluta, proclamando o evangelho e vivendo-o, é de fazer qualquer um de nós, cristãos ocidentais, queimar de vergonha.

Outro relato contundente e pungente é o do filho do mártir cristão, o pr. Wang Zhiming, condenado única e injustamente por sua fé em Cristo, à qual teve a oportunidade de renegar por diversas vezes, e se manteve firme, assim como sua família, e assistiu à brutal e despótica execução de um inocente. Curiosamente, mais de uma década depois da morte do pr. Zhiming, ele foi inocentado pelo próprio governo que o assassinou.

Por essas e outras exposições, "Deus é vermelho" faz-se necessário, inclusive para aqueles acostumados com o "modus operandi" esquerdista/marxista/fascista. Nossa fé, de certa forma, é colocada à prova diante dos testemunhos inimagináveis dos verdadeiros e fiéis servos de Cristo que, perseguidos, humilhados, execrados e, muitas vezes mortos, permanecem firmes na Rocha, recusando-se a negar quem os amou eternamente, se entregou completamente e se fez maldição para que o seu povo fosse bendito.



Notas: 1- As similaridades entre Comunismo e Nazismo não param aí, no endeusamento dos seus líderes, que assumem um caráter "messiânico", de salvadores da nação e do povo. Existem outras tantas semelhanças que os tornam quase gêmeos; esta porém, o culto ao líder, é o elemento "religioso" a uni-las.

2- É um movimento crescente na igreja reformada, especificamente entre os proponentes da TMI e outras vertentes liberais.

3- Já que o ateísmo em última análise é o culto ao homem, à natureza, às leis cósmicas, à ciência ou qualquer outra coisa a considerar "não religiosa", mas acaba por se tornar, em seus efeitos, tão ou mais religiosa como qualquer outra religião, pois o homem não pode prescindir do culto e adoração; e não será a falta de "deuses" a impedir-lhe de concretizar este desejo entranhado em sua natureza.

4- Na verdade, Deus não é vermelho. O autor quis afirmar algo impensável até mesmo para o adepto mais pessimista do comunismo, e até para o fiel mais otimista entre os cristãos, de que Deus não abandonou o seu povo sob a égide marxista na China (a alusão à cor dos símbolos da esquerda é evidente). Nesse sentido, Deus é sim, vermelho.

5- A China está constantemente na lista do "Portas Abertas" como um dos países que mais perseguem cristãos no mundo, de maneira cruel, perversa e insana. Juntamente com Coreia do Norte, Cuba, Laos, Vietnam, Nicarágua e outros mais, parecem ter o objetivo de aniquilar o "inimigo comum". Em alguns casos, nem mesmo os estados islâmicos, outros contumazes assassinos de cristãos, usam de táticas tão violentas e desumanas como países de comunistas.

6- O livro encontra-se esgotado até mesmo em sebos. Não consegui uma única cópia, mesmo fazendo uma pesquisa detalhada na web. Normalmente não indico baixar ebooks gratuitos, a não ser livros em domínio público. Neste caso, contudo, deixarei o link de uma página que disponibiliza o exemplar em epub, pdf ou mobi: Lê Livros

Avaliação: (****)

Título: Deus é Vermelho - Autor: Liao Yiwu -Editora: Mundo Cristão (esgotado) - No. Páginas: 240

Sinopse: "Na China comunista, sob o regime de Mao Tsé-tung, todas as práticas religiosas foram banidas. O comunismo tornou-se a religião nacional e Mao foi entronizado, deificado e adorado. Apenas a igreja oficial era permitida, mas em seus cultos, apenas palavras de honra e louvor ao regime e ao líder Mao. Mas debaixo de tanta opressão, a semente do cristianismo brotou e floresceu. Deus é vermelho percorre pequenos vilarejos e grandes cidades, trazendo narrativas emocionantes e assombrosas sobre dezenas de milhões de cristãos chineses que vivem a fé debaixo do duro regime socialista. Indo de casa em casa, reunindo-se porões e sótãos, vivendo à margem da religião oficial do Estado, assim caminham os cristãos chineses. Correndo perigo de prisão, castigos e até morte, assim vivem os que desafiam o regime para manter e cultivar a fé em Jesus Cristo. Conversas sussurradas, códigos cifrados, bíblias e material evangelístico contrabandeados, assim o evangelho é pregado cotidianamente. Deus é vermelho é o relato tocante e desafiador de uma Igreja viva que cresce e floresce no regime mais fechado do planeta."

Panegíricos e rapapés no salão do potentado

por Guido Malaparte

Fomos censurados. Não sei bem o que dizer. Nasci em 1985, quando minha mãe conheceu o meu pai no Carnaval, ficou grávida e oito meses depois me teve em seu colo pela primeira vez. Ela diz ter sido a coisa mais maravilhosa do mundo, pegar aquele serzinho prematuro, branco, ruivo e chorão, um choro artístico, dizia, pois mais se assemelhava a um tenor cantando uma aria, a voz potente e afinada a levar certamente o bebê ao estrelato e à glória musical no futuro. Ao invés disso, acabei cursando a faculdade de jornalismo, depois de tentar engenharia, arquitetura, enfermagem, advocacia e tecnologia ambiental, não necessariamente nessa ordem, mas fracassando em todos, sem ultrapassar o terceiro semestre. Em uma decisão, tipo a encruzilhada de Robert Johnson com o seu destino, me vi sem diploma ou a necessidade de me decidir entre três profissões: sociologia, psicologia ou jornalismo. Como o jornalismo me pareceu a menos desgastante, inscrevi-me no curso. E foi ainda mais fácil, pois bastava eu usar sempre a mesma camisa do Che Guevara, do Fidel ou do Lamarca para os professores se sentirem orgulhosos e afagarem o meu ego com frases do tipo: “Você vai longe!”, ou “Tem um futuro promissor! Continue assim, e nada irá pará-lo!”, e um retumbante “A” no boletim.

Investi-me das melhores táticas para dizer nas provas aquilo que os professores ansiavam ouvir, e fazer os trabalhos mais porcos e rasos, mas panfletários e cheios de clichês revolucionários, para alcançar nota máxima e terminar o curso com louvor. Ainda hoje alguns deles se perguntam porque não trabalho na Globo, na CNN ou no Uol, e qual foi o momento onde a minha vida profissional deu uma guinada à direita e correu ralo abaixo. Para eles é algo incompreensível.

Reconheço ter decepcionado a minha mãezinha: não sou tenor e muito menos entendo lhufas de música. A minha voz se tornou uma verdadeira taquararachada, sou desafinado quando tusso ou espirro, e até a minha respiração é irregular. Reconheço também ter iludido professores e colegas acerca das minhas intenções; queria pura e simplesmente o maldito diploma e trabalhar na maciota, inventando histórias, noticiando mentiras e denegrindo a imagem pública de qualquer desafeto. Durante um bom tempo me dei bem, ganhei grana e prestígio.

Tive quase cinco milhões de seguidores no Instagram, mais um milhão e meio no Twitter, e quase oitocentos mil no Youtube. Nunca fui importunado ou tive problemas que não pudesse resolver, atacando ainda mais quem me denunciava, postando trocentos vídeos por dia a fim de desmerecer e vituperar quem estivesse disposto a contestar minhas “notícias”.

Aparecia em mesa-redonda, em programas de auditório, em lives, podcasts, fui entrevistado por toda a sorte de puxa-sacos e “amigos” temerosos da minha pena lacradora, de ser cancelado ou coisa pior. Mas um dia, conheci a Revista Bulunga, e me vi estarrecido diante de tanta verdade, crua, nua e dura (não vai pensar besteira!), às vezes engraçada, outras irônicas, algumas sarcásticas, mas todas eivadas da mais pura veracidade. Senti-me libertado. Foi o nirvana, a apoteose, o encontro entre o queijo e a goiabada, e minha alma foi completamente capturada pelo rutilante brilho do autêntico e genuíno jornalismo. Era o oásis em meio ao deserto. Então, larguei tudo, a praia, o luxo de Copacabana, os fãs, deletei as minhas contas e páginas nas redes sociais, e me mudei para “Belzonte”. Nasci mineiro, tornei-me cidadão primeiro baiano, depois capixaba e, por fim, carioca, para retornar às origens.

Depois de todo o sucesso da revista Bulunga e, sem falsa modéstia, muito se deve ao meu ingresso em seu quadro editorial, fomos surpreendidos pela visita de um censor. Ele usava uniforme azul claro e um quepe de motorista particular, o que deveras me confundiu, mas imediatamente imaginei ter sido a nova indumentária institucional das forças militares, depois da desmilitarização empreendida pelo governo, com a exclusão de símbolos, hierarquia, autoridade e funções das forças federais e estaduais.

Pois bem, o motorista (descobri em rápido colóquio ser ele chofer do presidente do sindicato dos estivadores; e B.H. não tem um único sindicalizado) me entregou a notificação proibindo a publicação de qualquer exemplar da revista sem antes passar pelo crivo do censor, no caso, o tal líder do sindicato. Protestei, esperneeiei, arranquei os cabelos, fiquei vermelho e, por fim, rasguei a intimação, mas, ato contínuo, o condutor tirou de um envelope outra cópia, idêntica à primeira. Fi-la em pedaços. Impassível e fleumático, sacou outro símile e me entregou. Com menos volúpia, ainda assim destrocei-a. Ele me encarou, tirou outra via, e disse:

- Podemos ficar assim a tarde inteira... – Sorriu sarcástico, mefistofélico.

Peguei a via e depus sobre a mesa.

- Assine aqui, por favor!

Assinei. Não sem antes dizer-lhe umas poucas e boas; em nada comoveu ou impressionou-o. Entreguei a via assinada. Ele fechou o envelope, despediu-se com o risinho faceiro, e saiu em passos moles e arrastados. A realidade é esta: qualquer um, desde que alinhado com as diretrizes do governo, pode se tornar censor da noite para o dia, cortar, alterar, bloquear e fechar quaisquer órgãos de mídia e imprensa. Enquanto isso, os amigos do rei se refestelam, defendem e celebram as novas/velhas formas de policiamento e restrições de opiniões. Há alguns dias, tencionávamos publicar um vasto e extenso relatório com dados obtidos nos bancos e operadoras financeiras acerca dos gastos governamentais e, antes mesmo de terminar o relatório, fomos invadidos por agentes da P.F., e todos os computadores, gráficos e planilhas em papel cartolina e pardo (levaram, pasmem!, até o nosso papagaio de estimação, o Francis), foram amontoados em caixas e colocados em um caminhão de lixo. Imediatamente se transformaram em uma pilha de lixo inorgânico misturada a outro tanto orgânico. Como sou paranoico, guardei uma cópia no pendrive escondido entre a palmilha e a sola do sapato.

Um amigo jornalista argentino se dispôs a publicar o relatório e, cargas d'água, me surpreendi, no dia seguinte à publicação, da declaração de guerra do Brasil. O governo argentino tentou um acordo de última hora, se dispondo a extraditar o jornalista para cá. Mas o governo brasileiro foi inflexível. Em 24 horas tanques, navios e aviões atravessaram as fronteiras e prometeram fazer o inferno até a Terra-do-Fogo.

Aqui na redação, não sobrou ninguém. Apenas eu. E nem sou o capitão do barco. Mas, como previra, aconteceu: imaginei ser este o último lugar ou refúgio onde me procurariam. Ninguém seria louco o suficiente para tamanha bobeira, de ficar em lugar tão óbvio. O certo é que espero me esconder sem ser notado. Não adianta ligar, pois não atenderei o telefone. Ou bater à porta, não a abrirei. Se quiser jogar pedras nas janelas, faça, pois estou distante delas. De resto, espero o delivery da pizza ou do sanduba não ser interrompido. E a Argentina, detentora de apenas dois títulos mundiais, talvez não caia na fase de grupos.

Quanto ao Brasil, tem um mês para atravessar a Patagônia e aproveitar o acasalamento das baleias e golfinhos. Não das baleias com os golfinhos e vice-versa, mas de baleias com baleias e golfinhos com golfinhos, afinal, a natureza está pouco se lixando para o politicamente correto, as ideologias de gênero e as besteiras científicóides dos darwinistas.





- Podemos começar?

O consultório era moderno, com um toque minimalista, onde predominava o azul-claro, padrão "Windows". Alguns quadros de motivos abstratos na parede, um jarro de flor natural, orquídea branca com detalhes em roxo e lilás, mas também poderia ser de plástico, pois hoje em dia fazem as coisas muito bem feitas, não era como antes, quando as flores de plástico pareciam plástico.

Em frente a uma confortável poltrona havia um divã, objeto renegado pela maioria dos psicólogos, talvez para desvincular-se à imagem de Freud, do qual já havia lido algumas coisas, como se fossem romances. Freud era bom nisso, a sua linguagem era clara e prendia a atenção do leitor. Mas não sei se realmente conseguia curar alguém. Naquele tempo, ganhava o seu dinheiro cuidando de mulheres "histéricas" que era o termo mais utilizado para as representantes do sexo feminino, sempre oprimidas pelos seus maridos. Hoje são oprimidas pela competição do trabalho, pela disputa entre as próprias mulheres e seus padrões de beleza inatingíveis, e algumas delas passaram a oprimir os maridos, que choram e usam maquiagem escondido.

O terapeuta era jovem ainda, e por momentos relutei em continuar após a primeira sessão, pois nutria certo preconceito por acreditar que somente os velhos podem ter bagagem suficiente para opinar sobre a vida das pessoas. Para falar a verdade, nunca gostei de ter alguém opinando sobre a minha vida, mas passava por um período conturbado de separação e precisava desabafar com alguém. Mas não sei se conseguiria. Pelo menos tentaria.

- Eu tive um sonho – inicie!

- Martin Luter King? Brincadeira... Vamos logo ao sonho.

- Sonhei que tinha ido ao inferno.

- Interessante...

- O inferno?

- O sonho...

- Fui recebido por um homem ainda jovem, bem vestido, muito educado. Mistura de Steve Jobs com Marck Zukerberg...

- Bela definição...

- Era tipo esses gênios do Vale do Silício, entende? Bem sucedido, seguro, boa conversa. Ele ficou de apresentar-me ao inferno.

- Então você tinha morrido...

- Não necessariamente. Apenas estava lá. Era um lugar muito amplo, bem iluminado, bem arejado. Diferente daquelas imagens que nos fazem de lá. Era que nem aqui, só que mais "clean". Lá fora o céu era azul, nuvens esparsas, gramado verde.

- Outdoor de planos de saúde...

- Isso mesmo. Mas aí andamos longos corredores e ele começou a me mostrar a produção de legumes, frutas e hortaliças. Uma coisa impressionante, tudo cultivado em galpões gigantescos, as plantações extremamente organizadas, em canteiros suspensos, a temperatura e a quantidade de água controladas eletronicamente. De tempos em tempos eles pulverizavam um produto que ele me falou que era um "intensificador", que devia ser para melhorar o gosto, a cor ou as vitaminas, alguma coisa assim.

- Interessante.

- E ele me mostrou que as peças defeituosas, ou melhor, menos "padronizadas" eles separavam para venderem como se fossem produtos "orgânicos".

- Mas isso é trapaça! Só no inferno mesmo para fazerem coisas assim.

- Ele me explicou que, na verdade, tudo era orgânico, que é diferente de "isento de agrotóxicos", mas pessoas insistiam em querer se enganar, e assim eles preparavam as bandejas com selos, tudo embalado, plastificado, e colocavam à venda por preços muito superiores aos demais produtos, porque as pessoas acreditavam que teriam melhor qualidade.

- Sonho muito realista esse seu.

- Depois ele me levou para conhecer o centro de apuração de apostas. Era uma sala gigante, com centenas de máquinas ligadas 24 horas por dia, para apurarem os resultados de loterias e toda espécie de jogos que se pode imaginar, com as apostas feitas on-line. Segundo ele, aquilo movimentava bilhões, ou melhor, trilhões em dinheiro, e os resultados eram sempre manipulados. Eles é que definiam quem seriam os ganhadores, pois os supercomputadores conseguiam determinar em segundos quais seriam os números não apostados e assim direcionarem a quem eles bem entendessem.

- Isso está me parecendo muito familiar...

- Precisava ver então as eleições parlamentares. Eles elegiam os candidatos que quisessem. Mas os candidatos eram todos iguais, todos tinham a mesma cara, a mesma voz, os mesmos gestos, vestiam as mesmas roupas. Não era possível distinguir quem era quem. E as pessoas votavam aleatoriamente, sempre na esperança de terem escolhido o melhor.

- Mas e o diabo? Onde ele estava?

- Espere: ainda tem mais.

- Mais?

- As famílias eram descentralizadas. Os filhos se separavam dos pais logo ao nascerem...

- Espere aí: no inferno as pessoas se reproduziam?
- Ininterruptamente. Era um filho atrás de outro. Mas como ia dizendo, as crianças eram educadas pelo poder central, e o papel dos pais era apenas concebê-los. E podiam nascer tanto de homens quanto de mulheres. Para falar a verdade, não havia muita distinção entre um e outro: eram todos iguais. Andróginos.

- Entendo...

- O sexo era feito em locais públicos, para todo mundo ver, as duplas, às vezes trios, às vezes mais, começavam a se esfregar freneticamente de roupa e tudo, e apesar de parecer muito “quente”, você via pelas expressões que elas estavam entediadas. E quem assistia também não demonstrava entusiasmo. Cheguei a ver grupos fazendo sexo enquanto digitavam em seus smartphones.

- - Pensei que ao menos lá não houvesse esses aparelhos...

- Parece que eram o principal item de consumo do inferno. Todos tinham os seus e se comunicavam somente através deles. Ninguém conversava um com o outro. Somente por mensagens. Era muito esquisito.

- E o diabo...

- Finalmente apareceu. Era grandão, gordo, mas muito bem-vestido, com um terno vermelho risca-de-giz...

- Obviamente...

- Mas não tinha chifres nem rabo. Parecia um milionário qualquer, desses que a gente vê nas revistas de fofocas. Muito bronzado, unhas bem cuidadas, bigode aparado, correntes, pulseiras e anéis de ouro. Ele perguntou se eu havia visto as plantações, e eu disse que sim, que tinha ficado muito impressionado com tudo. Disse que havia visi-

tado o centro de apostas e a central de eleições e ele me perguntou o que tinha achado de tudo aquilo. Eu disse que havia ficado meio chocado, pois muitos desconfiavam que na Terra as coisas aconteciam daquele jeito, mas não se interessavam em se aprofundar. E ele falou que o inferno era como viver sem filtros, numa transparência que poderia chegar a assustar. Mas era aparentemente tudo igual... menos a comunicação. O inferno é a falta de comunicação – foi o que ele disse.

- Faz sentido. E o que mais você viu?

- Havia uns tapumes, com fotografias imitando praias e outras paisagens bonitas, e quando perguntei o que havia atrás, ele disse que lá ficavam as verdades.

- E por quê ficavam escondidas? Afinal, lá não era o inferno? Que diferença faria?

-Ele disse que as verdades são o inferno de cada um. E aí eu acordei.

-Sonho estranho. Vamos ter que trabalhar sobre isso.

- Claro! Mas já está acabando o tempo, não?

- Passou muito rápido.

- Vou refletir sobre este seu sonho, para podemos conversar sobre ele na próxima sessão.

- Sem dúvida. Ainda há muito o que estudar sobre isso. Já lhe disse que li há muito tempo "A Interpretação dos Sonhos", de Freud.

- Livro muito interessante. Mas não se aplica mais nos dias de hoje.

- Certamente. Mas fica apenas uma impressão, com base na análise deste meu sonho.

- Qual?

- Que o inferno é aqui...

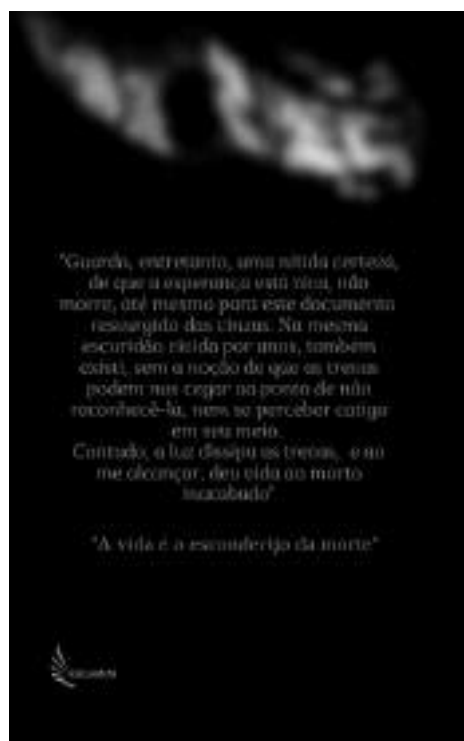
Michel Salomão

LIBERTE SEU TALENTO

**FAÇA TEATRO, CINEMA E TV
no Núcleo de Estudos Teatrais - NET**

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site
“www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola,
na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

A DISTRAÇÃO DO PECADO



PIADAS BEM RUINZINHAS

- Querido, por um segundo, quase que o relógio da parede caiu na cabeça da mamãe.
- Droga de relógio: está sempre atrasado!

- Qual é a panela que está sempre triste?
- A panela depressão.

Na hora do almoço, a menina se recusa a comer.
Então a mãe diz:

- Aninha, se você não comer, vou chamar o Bicho-papão.
- Pode chamar, mamãe. Mas duvido que ele vá querer comer essa sua comida ruim.

- Por que as plantinhas não falam?
- Porque elas são mudinhas.

Era uma vez um pintinho que se chamava Relam. Toda vez que chovia, **Relam piava!**

O gringo bate no carro do mineiro,
e logo desce para tentar apaziguar as coisas.
-Hello! - diz o gringo
-Relou nada. Massô foi tudo!

Qual é a fórmula da água benta?
R.: H Deus O!

A mulher surpreende o marido e pergunta:

- Amor, você me ama?
- Claro que eu amo!
- Então prova. Quero que você enfrente um leão por mim.
- Amor, você está louca? Eu posso morrer! Peça outra coisa...
- Posso ver o seu WhatsApp?
- Onde está esse leão mesmo?

O padre começa a missa de enterro de um homem dizendo:

- Que Deus abençoe a alma deste homem. Ele, que era um ótimo marido, um pai exemplar e um cristão fervoroso.

Ao ouvir isso, a viúva chama a filha e diz:

- Maria, dá uma olhada no caixão e vê se é o seu pai que está ali dentro mesmo!

O cara ganhou o prêmio do homem mais preguiçoso do mundo, mas teve que mandar alguém ir lá pegar.

Qual a diferença entre o lago e a padaria?
No lago, há sapinho. Na padaria, assa pão.

Classifico as pessoas em dois tipos: as que concordam comigo e as que estão erradas.

O maior problema das mentes fechadas é que normalmente elas vem acompanhadas de bocas abertas.

A avó repreende o neto:

- Por quê você tacou uma pedra na cabeça do seu coleguinha?
- Porque ele me beliscou!
- E por quê você não me chamou?
- Porque eu tenho a pontaria bem melhor do que a senhora.

A professora chama um fotógrafo para tirar uma foto da turma, e tenta convencer os alunos a comprarem:

- Olha que bom que seria, daqui a vinte anos vocês olharem para esta foto e pensarem que agora um é médico, outro é advogado, outro é engenheiro...
- E o Joãozinho, lá do fundo, gritou:
- Nesse dia, a professora já vai estar morta...

Uma velhinha pergunta para a amiga qual seria a forma mais fácil de se matar. A outra disse que bastava cravar a faca um palmo abaixo do seio esquerdo: morreria rápido e sem dor. Dias depois a velhinha foi internada com uma faca cravada no joelho.

O sequestrador português sequestrou a menina e após alguns dias chegou um embrulho para a família contendo um dedo decapitado e o seguinte bilhete:
-Este é o meu dedo. O próximo será o da sua filha.